

# Notas do cativo: mobilização teórica e efetivação interpretativa de *O sequestro do Barroco*, de Haroldo de Campos\*

MARCOS PASCHE\*\*

**RESUMO:** Este artigo pretende demonstrar as impropriedades interpretativas e conceituais que caracterizam a obra *O sequestro do Barroco na Formação da literatura brasileira: o caso Gregório de Matos*, de Haroldo de Campos. A obra em questão contesta a *Formação da literatura brasileira*, de Antonio Candido, por esta não inserir o estilo Barroco nem o poeta Gregório de Matos no corpus da formação literária nacional. O presente trabalho busca mostrar que a contestação de Haroldo de Campos ignora os propósitos e a metodologia do livro ao qual se opõe.

**PALAVRAS-CHAVE:** Antonio Candido; Crítica literária; Haroldo de Campos; História da literatura.

**ABSTRACT:** This paper intends to demonstrate the interpretative and conceptual inadequacies that characterize the work *O sequestro do Barroco na Formação da literatura brasileira: o caso Gregório de Matos*, by Haroldo de Campos. This work refuses the piece *Formação da literatura brasileira*, by Antonio Candido, for it does not include the Baroque style nor the poet Gregorio de Matos in the corpus of the national literary formation. This article aims to show that Haroldo de Campos' thesis ignores the purposes and the methodology of the book which it is opposed to.

**KEYWORDS:** Antonio Candido; Literary criticism; Haroldo de Campos; Literary history.

---

\* O presente texto é um desdobramento da resenha “Os pontos cegos de Candido e Campos”, publicada originalmente no caderno “Prosa & Verso”, do jornal *O Globo*, em 24 de setembro de 2011, pela ocasião da reedição de *O sequestro do Barroco na Formação da literatura brasileira: o caso Gregório de Matos*, de Haroldo de Campos.

\*\* Departamento de Letras e Comunicação (DLC) do Instituto de Ciências Humanas e Sociais (ICHS) da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ) - 23897-000 - Seropédica - RJ - Brasil. E-mail: marcospasche@uol.com.br

## Introdução

Prócer de um dos mais substantivos movimentos da vanguarda artística brasileira, o poeta Haroldo de Campos (1929-2003) também se notabilizou como tradutor e ensaísta, e com esses ofícios deu significativas contribuições aos estudos de literatura no Brasil – mas, registre-se, não apenas aos estudos da literatura do Brasil.

A exemplo do que realizou com seu trabalho poético, Haroldo produziu um ensaísmo contestador, devotado à revisão de concepções literárias consagradas e à abordagem valorativa do que não se estabeleceu no cânone literário nacional, como bem ilustra *Re-visão de Sousândrade* (1964), que ele publicou com seu irmão, o também poeta, tradutor e ensaísta Augusto de Campos. Da seara mais especificamente contestadora dos estudos haroldianos, o trabalho de maior vulto é *O sequestro do Barroco na Formação da literatura brasileira: o caso Gregório de Matos*, por ele publicado em 1989. O trabalho, que teve grande repercussão acadêmica e ainda hoje é bastante prestigiado, opõe-se à obra magna de Antonio Candido, *Formação da literatura brasileira: momentos decisivos (1750-1880)*, de 1959.

Sem ignorar a grande erudição do autor de *Metalinguagem e outras metas*, este artigo pretende demonstrar as impropriedades interpretativas que estão no cerne da tese com que ele refuta a obra historiográfica de Antonio Candido. Para isso, conjugarei citações dos dois livros em destaque, buscando evidenciar que a crítica de Haroldo de Campos contém impertinências, porque, digo sinteticamente, reprova na *Formação* a existência de supostas lacunas referentes ao que a ela não interessava preencher. Em síntese, Candido pretendia uma ampla radiografia textual e ideológica de certo período da história nacional, e Campos exigiu-lhe algo como uma plataforma de inventores, exclusivamente. Desenvolverei minha interpretação a partir do destaque de dois fatores que lastreiam o trabalho de Haroldo de Campos. Em primeiro lugar, há n' *O sequestro* um equívoco de interpretação metodológica que se desdobra num equívoco metodológico. Ao compreender de modo restrito a proposta de Antonio Candido, Haroldo de Campos contesta-lhe a partir de referenciais teóricos incompatíveis com a contestação, porque o conjunto busca reprovar a historiografia de Candido com principal respaldo em argumentos de matiz linguístico e com base na desconstrução derridiana, o que termina por não funcionar de modo efetivo para a reivindicação central da obra: retirar Gregório de Matos do “cativeiro historiográfico” e incluí-lo no rol dos formadores da literatura brasileira. Se Haroldo de Campos incorreu num equívoco metodológico, este o conduziu a uma contradição ainda em termos de metodologia. *O sequestro do Barroco* põe em discussão o que caracteriza a existência de um poeta, e questiona se vale mais o existir biofísico e social, documentalmente comprovável, ou o existir literário, vivido, fingido e por viver nos poemas deixados sem os carimbos da burocracia. O livro defende com ênfase, nos estudos de literatura, a primazia da existência literária sobre a factual. Entretanto, há momentos em que Haroldo de Campos “sai” de seu campo teórico para buscar em alguns estudiosos (não necessariamente historiadores) supostas referências materializadoras de Gregório de Matos, referências essas que, embora tenham inegável procedência, não satisfazem aos fundamentos da contestação à obra de Candido,

visto que elas não comprovam a circulação social da obra do Boca do Inferno em médio ou longo alcance. Em segundo lugar, mas sem sair da interpretação apresentada e do método desenvolvido em *O sequestro do Barroco*, é possível verificar nele um problema interpretativo geral, pois a *Formação da literatura brasileira* é um livro de crítica e de história literárias, mas Haroldo de Campos quis ver nele apenas uma de suas faces (a historiográfica), e desdobrou esse limite exegético noutra, pelo que assevera ser o livro de Candido endossador de “poetas de comunicação” em detrimento do “poeta poético e metalinguístico” que foi Gregório de Matos, dizendo, ainda, que na *Formação* o texto literário não recebe relevo interpretativo. Nem sempre esses problemas serão apresentados de modo absolutamente estanque, porque eles não se evidenciam de modo segmentado em *O sequestro do Barroco*. A necessidade de trazê-los à visibilidade talvez passe ao leitor a sensação de que este artigo se repete nalguns momentos. Espera-se, então, que as eventuais reiterações funcionem como reforço da argumentação, e não como emissão de algo repisado e, portanto, dispensável. Os referidos problemas, diga-se como remate deste rol, são aumentados por aspectos de escrita, como o emprego excessivo de aspas, negritos e caixas altas, o uso frequente de períodos longos e mal organizados, o que via de regra prejudica a leitura.

### Questões postas em debate

Ainda que algumas referências soem muito familiares ao eventual leitor de um periódico especializado, ao qual este artigo se dirige, é oportuno “começar pelo começo”. Em 1959, Antonio Candido publica *Formação da literatura brasileira: momentos decisivos (1750-1880)*, sua primeira obra historiográfica (a segunda, de menor extensão e vulto, síntese da primeira e nomeada *Iniciação à literatura brasileira*, veio a público em 1997). Na obra de 1959, Antonio Candido desenha uma história da literatura de modo distinto do expediente comum: ela não mapeia textos buscando algo como a totalidade dos textos que se encaixam no que se costuma tomar por grandes períodos ou grandes estilos da história cultural brasileira. O autor, intentando investigar os momentos e as circunstâncias em que se foi constituindo, entre autores brasileiros e/ou radicados no Brasil, uma literatura consciente de sua função histórica (CANDIDO, 2006, p. 28), estabeleceu um recorte de estudo que se traduz como conceituação de literatura. Para Candido, interessava pesquisar a literatura não como fato isolado apenas, e sim como construção coletiva. Daí ele estabelece uma distinção entre *manifestações literárias* e *literatura como sistema*. As manifestações são os textos de cuja circulação mais ou menos ampla — ou seja, fora do estrito círculo de vida de seus autores — não se tem notícia concreta, e por isso, segundo o juízo de Candido, elas não concorreram para a acumulação e partilha de ideias literárias e nacionais no período em que o Brasil se ia formando como nação. Dentre tais textos, muitos não tiveram edição impressa, alguns correram apocrifamente e outros tantos só foram descobertos ou redescobertos pela inteligência nacional séculos depois da morte de seus autores, alguns dos quais donos de biografias até hoje algo nebulosas. Para a *Formação*, as *manifestações literárias* circunscrevem-se aos séculos XVI e XVII, abarcando o

que usualmente se denomina, em termos de periodização literária, Quinhentismo e Barroco. Diferentemente das manifestações, *literatura como sistema* ou *sistema literário* é, no entender de Candido, o conjunto mais ou menos coeso de textos que circularam no período que se processa entre parte do tempo colonial e quase toda a vigência do Império (os anos indicados no subtítulo da obra, 1750-1880, são estabelecidos em caráter aproximativo). Em tal período, é possível observar um movimento social da literatura provido de alguma integração, pois o surgimento das primeiras academias literárias do Brasil, ainda no século XVIII, demonstra a existência de um tripé fundamental — autor, obra e público — para que, segundo Candido, a literatura tenha efetiva vida social e seja um mecanismo vivo de transmissão de ideias localistas:

Em fases iniciais, é frequente não encontrarmos esta organização [sistemática de obras literárias], dada a imaturidade do meio, que dificulta a formação dos grupos, a elaboração de uma linguagem própria e o interesse pelas obras. Isto não impede que surjam obras de valor, — seja por força da inspiração individual, seja pela influência de outras literaturas. Mas elas não são representativas de um sistema, significando quando muito o seu esboço. São *manifestações literárias*, como as que encontramos, no Brasil, em graus variáveis de isolamento e articulação, no período formativo inicial que vai das origens, no século XVI, com os autos e cantos de Anchieta, às Academias do século XVIII. Período importante e do maior interesse, onde se prendem as raízes da nossa vida literária e surgem, sem falar dos cronistas, homens do porte de Antônio Vieira e Gregório de Matos. Este poderá, aliás, servir de exemplo do que pretendo dizer. Com efeito, embora tenha permanecido na tradição local da Bahia, ele não existiu literariamente em perspectiva histórica até o Romantismo, quando foi redescoberto, sobretudo graças a Varnhagen; e só depois de 1882 e da edição Vale Cabral pode ser devidamente avaliado. Antes disso, não influenciou, não contribuiu para formar o nosso sistema literário, e tão obscuro permaneceu sob os seus manuscritos, que Barbosa Machado, o minucioso erudito da *Biblioteca Lusitana* (1741-1758), ignora-o completamente, embora registre quanto João de Brito e Lima pode alcançar (CANDIDO, 2006, p. 26).

Apesar de sua epígrafe, tomada a Friedrich Nietzsche, apontar para uma “pequena ação divergente” (CAMPOS, 2011, p. 19), *O sequestro do Barroco na Formação da literatura brasileira: o caso Gregório de Matos*, de Haroldo de Campos, é uma contestação estrutural à *Formação da literatura brasileira*. O dissenso é motivado pelo fato de o Barroco não figurar no livro de Candido como objeto de análise, o que caracteriza, no entender de Haroldo, depreciação daquele estilo e empobrecimento do estudo, pela adoção da perspectiva historicista:

A exclusão — o “sequestro” — do Barroco na *Formação da literatura brasileira* não é, portanto, meramente o resultado objetivo da adoção de uma “orientação histórica”, que timbra em separar literatura, como “sistema”, de “manifestações literárias” incipientes e assistemáticas (CAMPOS, 2011, p. 40).

Seu livro reivindica o reconhecimento de Gregório de Matos como formador da literatura brasileira, pois o baiano é tomado como “um dos maiores poetas brasileiros anteriores à Modernidade, aquele cuja *existência* é justamente mais fundamental para que

possamos *coexistir* com ela e nos sentirmos legatários de uma tradição viva” (ibidem, p. 21). Por ser Gregório de Matos um poeta ambivalente, que tanto confirma quanto extrapola as convenções classificatórias da literatura brasileira seiscentista, Haroldo, pensando especialmente na extrapolação, concebe-o como um nome pioneiro de algo próximo de uma linhagem de originais — tomando, aqui, “originais” por uma perspectiva do século XX, e não pela do século XVII, época de Gregório.

Não por acaso, já a introdução de *O sequestro do Barroco* reforça sua argumentação central com um fragmento em que Oswald de Andrade — tomado pelos concretistas como um precursor — exalta o nome do Boca do Inferno (CAMPOS, 2011, p. 20), ao passo que o desfecho do livro cita uma afirmação do poeta concreto Augusto de Campos, para quem o poeta seiscentista foi “o primeiro antropófago experimental da nossa poesia” (ibidem, p. 76). Em síntese, coloca-se a questão: tendo sido Haroldo de Campos um poeta “de invenção”, fundamentalmente interessado na escrita experimental e no rechaço a tradicionalismos poéticos, ele cobra que a história da literatura brasileira seja concebida a partir dos autores inventivos, que ele entende como integrantes de sua família literária e como únicos dignos de estudo. E ao interpretar que Antonio Candido, por se valer do ponto de vista da História, prestigia autores convencionais e menores, formula juízos do seguinte teor: “O modelo [da *Formação*] é necessariamente redutor: o que nele não cabe é posto à parte, rotulado de ‘manifestações literárias’ por oposição à ‘literatura’ propriamente dita, à literatura enquanto ‘sistema’” (ibidem, p. 44).

A intervenção rechaça os pressupostos do livro criticado e nega seu alcance documental e interpretativo. Em sentido estrito, comete-se um equívoco metodológico, porque Haroldo não aponta para o que foi feito de modo impróprio ou lacunar. Ao contrário disto, ele condena a escrita de uma história literária que não se desenhou conforme ele, Haroldo de Campos, achou que se deveria escrever: “Podemos imaginar assim, alternativamente, uma história literária menos como *formação* do que como *transformação*. Menos como processo conclusivo, do que como processo aberto. Uma história onde relevem os momentos de ruptura e transgressão” (ibidem, p. 66). Convém às ações divergentes que não negligenciem, em suas objeções, a orientação teórica que alicerça o estudo de que se diverge. Isso não significa que a um estudioso seja intelectualmente ilícito o questionamento com base em pontos de vista distintos dos daquele a ser questionado (afinal, a história cultural do Ocidente vive e sobrevive de desdobramentos e de inovações conceituais, formuladas sob o pressuposto de interpretar melhor o que se julga parca ou erradamente interpretado). Significa, a rigor, que a desejada inclusão de um poeta ou de um estilo num discurso historiográfico deve também se dar alicerçada por argumentos de viés historicista, com o que se revelaria a pertinência do questionamento e com o que se demonstraria a insuficiência do discurso denunciado. A citação a seguir ilustra e sintetiza que *n’O sequestro do Barroco* dá-se algo diferente:

Prosseguindo na comparação, temos que, para Jakobson, a cada um dos seis “fatores” de seu modelo, corresponde uma dada “função da linguagem”. Assim, à orientação centrada no REMETENTE, corresponde a FUNÇÃO EMOTIVA ou EXPRESSIVA, também chamada por Karl Bühler KUNDGABEFUNKTION,

função de “exteriorização” ou de “expressão”; função de “exteriorização psíquica”, como diria J. Mattoso Câmara Jr. No modelo de Candido, ao polo do PRODUTOR ou COMUNICANTE corresponderia a função de exprimir “as veleidades mais profundas do indivíduo” (CAMPOS, 2011, p. 31).

Em se tratando do que julga teoricamente compatível com o estudo de poetas, Haroldo recorre, conforme demonstrado pelo fragmento, especialmente à Linguística e à Desconstrução, esta inspirada em Jacques Derrida (que, embora não se explicita no fragmento, perpassa todo o livro). Em se tratando de orientações para um alargado estudo da poesia e também para a própria concepção da maneira de entendê-la e estudá-la, não me parece haver dúvida quanto à fertilidade dessas referências. Entretanto, na comparação, elas não logram o desejado efeito por não completarem a lacuna hipoteticamente aberta pela *Formação*. Conforme se vê no excerto, o ensaísta recorre a referências da Linguística (Jakobson, Bühler, Mattoso Câmara) para contrapor suas concepções do fenômeno poético às concepções de Candido: de acordo com Haroldo, o crítico prestigia poetas em cujas obras predominam as funções emotiva e referencial da linguagem, quando importava dar realce aos poetas — como Gregório de Matos — de escrita marcada pelas funções poética e metalinguística. Daí se formula a tese do suposto sequestro, pois, segundo ela, Antonio Candido escreve uma história de poetas comunicantes e, portanto, desprezíveis para a existência de uma grande tradição literária:

Nesse modelo, à evidência, não cabe o Barroco, em cuja estética são enfatizadas a função poética e a função metalinguística, a autorreflexividade do texto e a autotematização inter-e-intratextual do código (metassonetos que desarmam e desnudam a estrutura do soneto, por exemplo; citação, paráfrase e tradução como dispositivos plagiotrópicos de dialogismo literário e desfrute retórico de estilemas codificados) (CAMPOS, 2011, p. 41).

A conclusão a que chega Haroldo de Campos é equivocada por se fundamentar em argumentos estranhos aos fundamentos da *Formação da literatura brasileira*. Antonio Candido quis efetivar um estudo de recorte específico e de *corpus* amplo, num “livro de crítica, mas escrito do ponto de vista histórico” (CANDIDO, 2006, p. 26). Na prática, isto significa, como de fato significou, um trabalho tão dedicado à abordagem intrínseca da literatura (algo mais familiar à crítica) quanto à compreensão dos fatores que lhe são extrínsecos, num expediente próprio da historiografia. Duas opções lhe foram dadas: fazer crítica ou fazer história da literatura, e ele optou por uma terceira via, observando que essas duas possibilidades não são obrigatoriamente excludentes entre si:

Quando nos colocamos ante uma obra, ou uma sucessão de obras, temos vários níveis possíveis de compreensão, segundo o ângulo em que nos situamos. Em primeiro lugar, os fatores externos, que a vinculam ao tempo e se podem resumir na designação de sociais; em segundo lugar o fator individual, isto é, o autor, o homem que a intentou e realizou, e está presente no resultado; finalmente, este resultado, o texto, contendo os elementos anteriores e outros, específicos, que os transcendem e não se deixam reduzir a eles (CANDIDO, 2006, p. 35).

Daí é que, ainda hoje, passado mais de meio século de sua publicação, o livro permanece útil, e de forma dupla: depois dele não se publicou no Brasil um trabalho de história da literatura que contivesse um recorte e um método novos como o seu, e as análises e o juízos que faz de autores como Tomás Antônio Gonzaga, Cláudio Manuel da Costa, Castro Alves e José de Alencar, por sucinto exemplo, se mantêm como fonte de consulta obrigatória aos estudiosos interessados em suas obras. Cabe aqui um acréscimo, pela menção ao nome de José de Alencar: a *Formação* estuda poesia e prosa ficcional (prioritariamente, mas não apenas), o que na crítica de Haroldo não recebeu comentário nem mesmo do tipo de quem diz que vai se ocupar apenas parcialmente de determinado fator, por algum motivo em especial. Quem ler *O sequestro do Barroco* antes da *Formação da literatura brasileira* provavelmente pensará que o livro de Candido dedica-se exclusivamente à contemplação do texto em verso. Terá havido aí alguma sequestração?

A *Formação da literatura brasileira* é um livro historiográfico dotado de rara originalidade. Pondo-a ao lado de incontáveis obras do gênero, verificar-se-á sua peculiaridade já a partir de seu recorte temporal e do estabelecimento de um *corpus*: em vez de catalogar e avaliar textos (literários e não-literários) circunscritos entre a *Carta* de Pero Vaz de Caminha e a sua contemporaneidade, segmentando tudo por meio de épocas e estilos, o autor definiu um método a partir de uma concepção de literatura, estudando-a como fenômeno social e estético. Em seu estudo maior, Antonio Candido se interessa pela identificação de movimentos que gradativamente deram às letras produzidas no país efetivos traços de nacionalidade. Nisto, o autor de *Literatura e sociedade* foi mais a fundo do que indicam datas e acontecimentos supostamente mais históricos do que outros, conforme se verifica, por exemplo, em Afrânio Coutinho, que no século XX repete a tese novecentista da obnubilação brasileira de Araripe Jr., conferindo ao Padre José de Anchieta, por ele chamado de “doce evangelizador do gentio” (COUTINHO, 2005, p. 88), o título de “fundador da literatura brasileira” (ibidem, idem): “É de crer que esse sentimento [de brasilidade ou da formação de uma consciência nacional] se firmou e foi tomando corpo desde o momento em que, ao contato com a nova realidade, um homem novo foi surgindo dentro do colono” (ibidem, idem). Diferentemente de um “momento primeiro”, Antonio Candido pretende identificar “a formação da continuidade literária” (CANDIDO, 2006, p. 25), isto é, um encadeamento ideológico crescente, que passou a motivar autores e obras à expressão de fatores locais. Para lograr tal identificação é que Candido formula o conceito de *literatura como sistema*, e, por escrever um livro de história da literatura, institui seu ponto de partida por um aspecto elementar aos historiadores: fontes documentais, que dão concretude aos objetos de estudo. Por essa razão, Gregório de Matos não foi incluído no estudo, e não por ser, conforme o raciocínio de Haroldo, um poeta de obra alicerçada pelas funções metalinguística e poética da linguagem — o que o torna, ainda conforme o referido raciocínio, um poeta maior.

Não se veja aí uma defesa da ideia de que só por meio de arquivos se pode escrever a História, algo bastante relativizado pela historiografia contemporânea. Da mesma forma, não convém supor improcedente que uma orientação teórica seja evocada para rechaçar uma outra, pelo que um contestador devesse formular ressalvas falando a mesma língua

do contestado. Ocorre que Haroldo de Campos tentou mostrar o que acreditou ser um erro de Candido, e numa outra seara de sua argumentação, foi contraditório. Refiro-me especialmente ao capítulo “O modelo linear e a tradição contínua”, em que o autor recolhe afirmações com vistas a responder à *Formação da literatura brasileira* dentro dos argumentos desta obra, referentes ao que constitui o sistema literário. Apoiando-se em citações de Padre Antônio Vieira, Segismundo Spina, Padre Manuel Bernardes e José Miguel Wisnik, Haroldo passa a dar a entender que a existência concreta do poeta e a circulação social de seus escritos são dados, afinal, importantes. Os citados chegam a referir-se ao poeta baiano como “comunicador” (WISNIK, *apud* CAMPOS, 2011, p. 45) e até mesmo como “primeiro jornal que circulou na Colônia” (SPINA, *apud* CAMPOS, 2011, p. 45), mas nenhum deles dá referência clara de algum registro em tal direção. No tocante às críticas feitas à obra de Antonio Candido, um provável indício da fragilidade das afirmações reunidas é o fato de Haroldo não desdobrá-las de modo consistente.

Apesar de não fornecer indícios sólidos a respeito da circulação social da obra do Boca do Inferno, o poeta concretista vê no recorte da *Formação da literatura brasileira* uma tendência ao privilégio de mediocridade literária, conseqüente do que entende como ideologia determinista e romântica de seu autor. Assim a ausência de Gregório de Matos estaria explicada: sendo um poeta anticonvencional, autor de uma obra dotada das funções metadiscursiva e poética da linguagem, não seria familiar ao rol dos poetastros nacionalistas e comunicativos eleitos pela *Formação da literatura brasileira* como representativos da literatura nacional. Entretanto, a leitura da obra de Candido revela algo diferente: já no prefácio (da primeira edição), o crítico diz que “se comparada às grandes, a nossa literatura é pobre e fraca” (CANDIDO, 2006, p. 11), mas esclarece, por motivos óbvios, ser imprescindível conhecê-la, mesmo em seus momentos menos expressivos. É importante ressaltar ainda que Candido não naturaliza nem absolutiza seu método, tampouco suas concepções de literatura, que não vê como via de mão única: “É um critério válido para quem adota orientação histórica [...], mas de modo algum importa no exclusivismo de afirmar que só assim é possível estudá-las [as obras]” (CANDIDO, 2006, p. 27 — colchetes nossos). Antonio Candido classifica seu livro como de história e de crítica, cujo objetivo central é investigar um processo de acumulação literária desenvolvido entre 1750 e 1880, o qual propiciou aos escritores a consciência de que escreviam na esteira de antepassados e contemporâneos locais. Os barrocos não entram no recorte do estudo por não haver registros precisos de que seus escritos circulavam regularmente entre si e entre seus descendentes até certa altura do século XIX. Isto não significa menoscabo, nem na *Formação da literatura brasileira* nem noutras ocasiões em que seu autor se depara criticamente com Gregório de Matos: no breve *Iniciação à literatura brasileira* (escrito em 1987, portanto antes da publicação de *O sequestro*, mas lançado originalmente dez anos depois), Candido diz que a poética de Gregório de Matos é das mais altas da literatura nacional (CANDIDO, 2004, p. 27).

Haroldo entende como evolucionista o método de Candido, pois a este interessaria a escada da expressão subjetiva e localista surgida com os arcades e culminada com os românticos: “De fato, essa ‘perspectiva histórica’ foi enunciada a partir de uma visão substancialista da



evolução literária, que responde a um ideal metafísico de entificação do nacional” (CAMPOS, 2011, p. 23). Há aí outro juízo questionável: se por um lado a cronologia progressiva não determina a feição artística, por outro ela pode ser um mecanismo elucidativo, pois miríades de artistas compõem com os olhos postos na tradição, seja para perpetuá-la consciente e voluntariamente, seja para com ela estabelecer um conflito. Cabe perguntar, inclusive, se sem a concepção do desenvolvimento histórico da literatura seria possível, no Brasil da década de 1950, que um grupo de poetas fizesse o seguinte decreto: “dando por encerrado o ciclo histórico do verso (unidade rítmico-formal), a poesia concreta começa por tomar conhecimento do espaço gráfico como agente estrutural” (CAMPOS *et al.*, 2006, p. 215). A declaração assevera sem margem para dúvidas que ali se encerrava o ciclo histórico do verso, dizendo indiretamente que toda a história literária desdobrou-se para ter nos poetas concretistas seu apogeu ou ocaso. Trata-se, portanto, de manifestação evolucionista?

### Considerações finais

Não obstante sua respeitabilíssima erudição, Haroldo não entendeu que a Antonio Candido interessava ver os movimentos de circulação literária, e não “apenas” as obras em si. Daí o poeta concretista refutar a empreitada crítica, sociológica e histórica a partir de uma *performance* motivada por uma erudição algo excessiva, nem justificada como necessária por um desdobramento pertinente da tese central de *O sequestro do Barroco*. Prova disso é que Haroldo de Campos, mesmo investindo numa empreitada crítica, não analisa um único poema sequer de Gregório de Matos, tampouco faz algum tipo de levantamento (dos códices que reúnem a poesia do baiano, por exemplo) que poderiam fornecer ao leitor interessado demonstrações abrangentes da tese defendida. A mais, sua intervenção deixa de ter maior alcance por ser algo confusa em várias passagens, emitidas aos jorros e apinhadas de citações (cf. os capítulos “O privilégio da função referencial e da função emotiva” e “Uma literatura integrada”).

A refutação mantém vivo o trabalho intelectual, mas quando se negligencia o ser do outro e — e quando, assim, não se adentra à razão do que é refutado —, ela, a refutação, trai aquilo que defende: a diferença. Acerca disso, cabe outra citação de Antonio Candido, a propor que o desconstruir é mais legítimo quando consorciado à construção de uma nova senda, dialeticamente barroca: “É preciso, então, ver simples onde é complexo, tentando demonstrar que o contraditório é harmônico” (CANDIDO, 2006, p. 32).

PASCHE, M. Captivity Notes: Theoretical Mobilization and Effective Interpretation of *O Sequestro do Barroco*, by Haroldo de Campos. **Olho d'água**, São José do Rio Preto, v. 8, n. 2, p. 61–70, 2016.

## Referências

CAMPOS, A.; CAMPOS, H.; PIGNATARI. *Teoria da poesia concreta: textos críticos e manifestos 1950-1960*. 4. ed. Cotia: Ateliê Editorial, 2006.

CAMPOS, H. *O sequestro do Barroco na Formação da literatura brasileira: o caso Gregório de Matos*. 2. ed. São Paulo: Iluminuras, 2011.

CANDIDO, A. *Formação da literatura brasileira: momentos decisivos (1750-1880)*. 10. ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2006.

\_\_\_\_\_. *Iniciação à literatura brasileira*. 4. ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2004.

COUTINHO, A. *Introdução à Literatura no Brasil*. 18. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005.

FRANCHETTI, P. História literária: um gênero em crise. In: VIOLA, A. F. (Org.). *Crítica literária contemporânea*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2013. p. 81-100.

LIMA, L. C. Uma fortuna problemática: a história da literatura no Brasil. In: MOREIRA, M. E. (Org.). *Histórias da literatura: teorias e perspectivas*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2010. p. 123-32.

SOUZA, R. A. *História da literatura: teoria, fundamentos, problemas*. São Paulo: É Realizações, 2014.

\_\_\_\_\_. *Introdução à historiografia da literatura brasileira*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2007.

Recebido em: 20/09/2016.

Aceito em: 25/10/2016.